

CONVIVÊNCIA E MESA: FUNDAMENTO INCLUSIVO PARA A INTEGRAÇÃO SOCIAL

Benjamin Panduro Muñoz¹

Tradução Rosângela Fachel de Medeiros²

Resumo: A mercantilização das relações sociais, a deificação da produtividade e a exclusão das minorias são alguns dos fatores que converteram as utopias da modernidade em puras fórmulas sem possibilidade de buscar o bem-estar ao homem. Em decorrência disso, houve um esmaecimento do sentido e da vida do conceito de convivência de maneira que hoje em dia as diferenças são fatores de divisão e de destruição ao invés de serem vistas como marcos de enriquecimento do comportamento humano. Daí a necessidade de repensar e reconstruir as formas de convivência que permitam a harmonia e a integração social para as comunidades heterogêneas.

Palavras-chave: convivência, mesa, comida e conflitos

INTRODUÇÃO

Na filosofia política, o conceito de convivência deriva da observação e entendimento da sociedade como marcada por uma alta taxa de violência, de rechaço aos outros e de cerceamento dos domínios de expressão da população. Essa é, ao menos para mim, a visão que eu capto da referência feita ao conceito de convivência por Ivan Illich.³ Este autor, talvez o primeiro a evocar o conceito ao nível do pensamento filosófico, parte de uma observação nítida de que a sacralização da produtividade industrial pelo dogma do crescimento e substituição do homem pela máquina. (ILLICH, 1985, p.26-28). São dois fatores que em grande parte explicam o fracasso de todas as utopias da modernidade que procuravam alcançar a felicidade e bem-estar desejados pelo homem.

Uma vez reduzido ou convertido em máquina, o homem perde todo o seu valor não só ao nível industrial, mas, acima de tudo, ao nível social e política. Não sendo mais visto

¹ Professor pesquisador da *Escuela Superior de Filosofía de la Universidad de Colima*, membro do CA “Filosofía de la Convivencia. Miembros del Círculo Mexicano de Profesores de Filosofía”.

² Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS, professora do Mestrado em Letras – Literatura Comparada da URI/FW.

³ Nota da tradutora: Ivan Illich (1926 – 2002) era pedagogo e ensaísta, de origem austríaca, que estudou teologia e filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Vaticano, e, posteriormente, emigrou para os EUA, onde atuou por um período como padre em Nova Iorque. Em 1956 – assumiu a vice-reitoria da Universidade Católica de Porto Rico; e, em 1961 – fundou o Centro Intercultural de Documentação, em Cuernavaca, no México. Suas duras reflexões sobre a sociedade industrial e o poder institucional a respeito das mais diversas questões: educação, desenvolvimento tecnológico, ecologia, medicina e trabalho o levaram a romper com a hierarquia religiosa. Escreveu várias obras de destaque sobre educação, destacamos, por exemplo, *La educación* (1986) – escrita em colaboração com Paulo Freire. Mas é de *La convivencialidad*, lançado em 1973, que nascem muitas das reflexões que tratadas neste artigo por Benjamin Panduro Muñoz.

como o centro das preocupações, mas sim como um inimigo contra o qual devemos lutar para atingir a maior produtividade possível combinada aos lucros pessoais. A produtividade toma o centro, expulsando o homem às órbitas exteriores através de forças centrífugas. É por isso que, para Ivan Illich, a solução estaria em revalidar a importância da convivência, que é a força capaz resgatar para a comunidade humana o sentido perdido de solidariedade.

É interessante analisar o conceito de convivência à luz das considerações este padre católico para apreender sua essência para a paz social e a solidariedade humana. No entanto, uma vez que o conceito é novo na filosofia – não existe no momento uma teoria elaborada sobre a convivência – quero partir da etimologia da palavra e das concepções culturais que permitam entender esse conceito. Minha análise procurará situar a convivência como um fator integrante da abordagem conflitual dos processos sociais. O que é a convivência e como ela é alcançada em diversas comunidades? Essa é a pergunta que me guiará durante esta análise em busca das condições de entendimento da convivência que tornam possível a existência pacífica.

SOBRE O CONCEITO DE CONVIVÊNCIA.

O termo de nossa análise se constitui etimologicamente de duas partes principais: o prefixo "com" e a raiz "vivência". O prefixo "com" é uma preposição e é usado para marcar uma relação entre diferentes indivíduos. Assim, se fala da amizade com alguém para mostrar que existe uma relação com o amigo. Portanto, "com" não é usado em um contexto de singularidade porque o seu objetivo é estabelecer um relacionamento com alguém. Deve haver pelo menos duas pessoas para que o "com" faça sentido. Assim, a preposição faz sentido na medida em que serve para unir e não para separar os diferentes elementos.

Em uma de suas acepções espanholas "com", como preposição, introduz a ideia de conjunto ou de companhia. Mas "com" é principalmente o núcleo do complemento preposicional muito rígido para muitos verbos e substantivos que implicam comparação ou relação. Assim, os verbos como confundir, comparar, comover... só têm sentido quando, pelo menos, duas coisas se relacionam.⁴ A confusão, por exemplo, envolve duas ideias similares em conteúdo ou forma. Portanto, na palavra convivência o prefixo "com" introduz a ideia de uma pluralidade e, ao mesmo tempo, de uma relação complementar dentro desta pluralidade. E, justamente, essa pluralidade está constituída pelo conteúdo da raiz "vivência".

A segunda parte da palavra convivência é "vivência". Trata-se da experiência de vida, do modo de viver. Husserl definiu a vivência como a própria experiência do vivido.

⁴ Nota da tradutora: A reflexão do autor referente ao significado do prefixo "com" na língua espanhola pode ser transposta para o contexto da língua portuguesa, uma vez que neste caso fica evidente a consonância entre os sentidos em ambos os idiomas, que têm como origem comum o latim.

Neste sentido, a vivência é um fato da experiência, que com a participação consciente ou inconsciente do sujeito ou grupo, se incorpora a sua personalidade. Assim, a vivência é o que define o sujeito ou um grupo em integração. É uma experiência que forma a sua personalidade e permite distingui-lo de outros sujeitos ou grupos.

A vivência é então um conjunto de ações, comportamentos, pensamentos e sentimentos de um sujeito ou de um grupo que permite distingui-lo de outros, ou seja, identificá-lo. Assim, por exemplo, um sujeito é comunitário ou solitário quando o conjunto de seus comportamentos, pensamentos ou sentimentos tendem à constituição de uma comunidade ou a evitar aos demais. Desta forma, a vivência supõe várias experiências do vivido conforme a multiplicidade dos sujeitos ou dos grupos. E, uma vez que cada experiência não é idêntica à outra, podemos encontrar vários modos de vida positivos ou negativos de acordo com as nossas escalas de valores. Esta diferença é a fonte de tensões e fraturas na vida em comum.

Na verdade, para viver juntos e interagir, cada um traz a sua maneira de viver, ou seja, de pensar, de agir e de sentir que está em sintonia com os objetivos da comunidade a que pertence. Se os objetivos forem contraditórios aparecerão fissuras na composição da vida da comunidade. E mesmo que essas fissuras possam ser consideradas elementos negativos na conformação da vida junto a e com os outros, elas revelam, no entanto, que cada vivência, isto é experiência de vida, é uma tensão para com os outros, é um relacionamento com as demais vivências. Esta tensão permanente é o que define a pluralidade que tende a estabelecer o prefixo "com" do conceito de convivência. Resulta desta tensão um conflito inevitável decorrente da diferença de objetivos almejados por cada grupo social ou cada indivíduo. Por esta razão, o estudo da convivência é melhor compreendido em uma abordagem conflitual dos processos sociais.

Deste ponto de vista, os diferentes nodos de vida não são exclusivos ou repulsivos sem qualquer possibilidade de entendimento. A pluralidade é muito benéfica para a comunidade no sentido em que permite às particularidades realizarem ajustes necessários em sua identidade, que deixa de ser muito poderosa e rígida: isto é o que Gellner chamada "modularidade". (GELLNER, 1996, pp. 100-107). Estes ajustes que é irão configurar a vida em comum, a formação das comunidades de vida a partir das metas que os sujeitos se estabelecem em um espaço de discussão, de negociação, de aprendizado e de redistribuição de opiniões.

Perfila-se assim a constituição da comunidade como resultado de um intercâmbio entre diferentes experiências de vida com o propósito de perseguir objetivos comuns. A comunidade se forma e se harmoniza a partir da criação, da assimilação e da integração de novas tarefas, sentimentos e convicções que fundamentam a unidade a partir de diferentes pontos de vista, diferentes maneiras de viver. Este movimento da assimilação, aprendizado,

interação e de intercâmbio de valores, comportamentos e tarefas de diferentes origens constitui e define a dinâmica grupal ou comunitária como convivência.

Assim, etimologicamente, podemos definir a convivência como um conjunto de experiências harmônicas ou não, que definem a relação entre os indivíduos e entre os diferentes grupos a que pertencem. No entanto, esta definição etimológica não esgota toda a importância da convivência que encontra o seu significado mais profundo na simbologia da comida e da mesa que pressupõe.

A SIMBOLOGIA CONVIVENCIAL

A convivência, para além de seu significado etimológico de conjunto de experiências vividas, naturalmente harmônicas, mas que também podem ser desestabilizadora para a sociedade, é percebida como um conjunto de relações favoráveis dos indivíduos de um determinado grupo social, entre eles e frente a eles. Assim sendo, a convivência é sempre considerada positiva para as relações interpessoais porque expressa uma oposição clara à individualidade, às tensões, aos conflitos sem soluções e a violência. Tornando-se para as pessoas um signo de harmonia, de paz, de vida comunitária, de discussão fraternal, aproximação e união sem, por isso, dispensar a particularidade de cada um e de cada grupo. É essencial analisar a fonte desta percepção solidária da convivência para entender as relações interpessoais em um sistema democrático em particular e nos processos sociais em geral. A comida e a mesa são as duas figuras que fundamentam esta solidariedade porque envolvem um sentido, ao mesmo tempo, conflituoso e reconciliador nas relações interpessoais.

A SIMBOLOGIA DA COMIDA

A busca pela unidade social e política levou muitos teóricos⁵ a pensarem na aniquilação de grupos étnicos em diferentes países onde eles ainda existem. Alicerçando sua posição na hipótese de que o desaparecimento das micronações permitiria uma unidade e, assim, facilitaria a governabilidade e o estabelecimento de um regime político democrático. A lógica convivencial tem uma abordagem completamente diferente: a busca da unidade não pode basear-se na aniquilação de grupos sociais y tampouco pode ser concebida a partir de uma simples justaposição de vivências. É a partir da pluralidade, ou melhor, da poliarquia (DAHL, 1992, pp. 257-370), para utilizar aqui as palavras de Robert Dahl, que o problema da unidade social harmonioso deve ser abordado.

⁵ Pensamos em especialistas tais como: Ernest Guillner, Elungu Pene Elungu, Schapera, Murdock, Nadel, Singer, Narol, Caso, Aguirre Beltrán...

Na verdade, a convivência como um conjunto de experiências de vida supõe vários objetivos, alguns opostos a outros. Quando a definimos como um conjunto de experiências de vida, se dá ênfase a que as interações que surgem destas experiências são susceptíveis de produzir a estabilidade social, a paz e o enriquecimento mútuo. Isso não exime deste encontro a presença de tensões e fraturas. Os objetivos de cada grupo social podem diferir dos objetivos do outro grupo; e isso pode causar conflitos. No entanto, a ideia de convivência não faria sentido se buscasse formar um conglomerado de experiências que pode ser uma bomba-relógio social.

A convivência social tem seu valor na medida em que visa fomentar e promover uma inter-relação que resulte em harmonia, comunhão, solidariedade, reconciliação ou unidade. Portanto, é importante referir à simbologia da comida para esclarecer a quinta-essência do objetivo harmônico almejado pela convivência. É, sobretudo, sua função reconciliatória e mediadora que permite esta aproximação.

A ideia de comida, extraímos da língua francesa, na qual a convivência e o verbo conviver – viver juntos – deu origem ao conceito de "convive" para aludir ao convidado a uma refeição, à pessoa que participa da refeição com outras pessoas. Existe também tanto no francês como no espanhol a palavra "comensal"⁶ para referir àquele que está comendo à mesa com os outros. O termo espanhol mais próximo a "convive" é "convidado".⁷ Convidado se refere à pessoa que recebe um convite para participar de uma refeição, em um evento que o agrada. O convite é o próprio convite para a festa, a refeição ou o jantar. O engraçado para mim é que convite e convidado provem de "convidar" e não de conviver. Mas a palavra vida está mais próxima da raiz "vidar" do que o sufixo "viver". O que significa que, apesar de algumas diferenças fonéticas, conviver e convidar podem ser aproximados.

De fato, por um lado, o verbo convidar é semanticamente muito complexo e significa tanto convidar, regalar, hospedar como propiciar, dedicar, homenagear e, acima de tudo, oferecer. Por outro lado, conviver significa tanto coexistir, coabitar, viver como chegar a um acordo, compreender e ter empatia. A aproximação é que não pode haver convite para uma refeição se não há entendimento, se não há nenhum ponto em comum com a pessoa que convida. O convite supõe um bom relacionamento, uma relação ou uma disposição a este relacionamento. Se não há entendimento, o convite para uma refeição se fará com que o propósito de provocar a comunhão e desfazer a desunião e todos os muros de separação. Os inimigos usam esse potencial de união da comida como uma isca para fingir a comunhão e pegar sua presa humana. Conviver e convidar são então marcos de pluralidade e de entendimento.

⁶ Nota da tradutora: a palavra "comensal" também existe no português e com o mesmo sentido que no espanhol e no francês.

⁷ Nota da tradutora: a mesma relação pode ser empregada para a língua portuguesa, uma vez que igualmente possui a palavra "convidado", e com o mesmo sentido que no espanhol.

A comida revela nesta abordagem sua primeira característica: ela é um promotor de comunhão e reconciliação. Então, o conceito de comida evoca que se existem boas relações entre os indivíduos, estes têm de reforçá-las e potencializá-las comendo juntos. Tal é o sentido das festas, dos banquetes e das cerimônias organizadas em diferentes etapas de nossa vida a fim de reforçar o sentimento de comunhão e de harmonia. A comida é como a evidência de que sim existe entendimento entre os membros de um grupo social. Portanto, o significado do alimento não se esgota em ser um alimento material para saciar ou aliviar o desejo de comer ou de beber. Em vez disso a comida encontra o seu significado mais profundo em ser um mediador nas relações humanas. É neste sentido que Armando Noguez sugere considerar "a comida em sua totalidade, em que – para ser comida – deve haver alimentos materiais, mas cujo significado não se esgota em ser alimento para o indivíduo, se não mediação das relações interpessoais e intersocial". (NOGUEZ, 2001, p. 6).

Mediadora das relações sociais por excelência, a comida vai aparecer ainda mais quando essas relações são tensas. Quando adquire uma importância capital para reestabelecer o que havia sido destruído, reconstruir, recomeçar, recuperar, rearranjar o que os seres humanos haviam desfeito e que é a fonte de desequilíbrio, de crise e de perda ou redução da força vital. Nesse sentido, a comida media as relações e une o que se havia desunidos. Portanto, ela tem a função de reconciliadora e unificadora. A comida reconcilia os membros de um grupo social entre eles, e entre estes e os ausentes, como os transeuntes e os ancestrais mortos.

É no campo de reconciliação que a comida adquire o sentido de “oferenda” evocado pelo verbo “convidar”. A comida é como uma oferenda aos ancestrais mortos e aos deuses para que restabeleçam a paz entre os vivos e as boas relações entre os irmãos. Além disso, a comida é um convite para uma melhora das relações, um convite a que cada um daqueles que agora são inimigos revisem a sua posição, suas diferenças com os demais para apoiar-se no que os une, os enriquece e gera harmonia. A África é um campo fértil na realização de tais tipos comida: "oferendas de união", "oferendas de reconciliação", "comidas cerimoniais", como a dos caçadores etc. Neste continente até os dias de hoje, algumas fortes relações de amizade são seladas com a ingestão de sangue (comido ou bebido): ato que os "baluba" do Congo chamam de "ndondo" ou pacto de sangue. Os astecas no México eram especialistas em reforçar os laços sociais e a comunhão através da comida que misturavam com o sangue e com a qual desenhavam a imagem de um deus antes compartilha-la. (NOGUEZ, 2001). Não é casualidade então que hoje em dia no México, o Dia dos Mortos seja celebrado com oferendas – alimento – aos mortos para manifestar ao mesmo tempo a união e a reconciliação com os vivos. Este costume, misturado à tradição cristã faz do 02 de novembro o dia do convívio, ou melhor, da convivência com os mortos.

Então, Armando Noguez está certo quando pensa que a função cerimonial e sacramental da comida é afirmar e intensificar o laço de união entre os participantes e entre

esses e os ausentes. No entanto, é importante destacar que a comida serve para todo o tipo de relação e não apenas a relação de sangue. Além disso, o fato de que a relação de sangue requer um reforço significativo, pois inclusive ela não é segura sem certa mediação. Assim, toda a unidade e toda comunhão se todos se recusam a uma simples justaposição, requer mediação, símbolo que a faz efetiva, histórica, cultural e humana. O elemento mediador serve como coordenador e harmonizador dos diferentes objetos presentes. É (para quê?) este trabalho e ao preço que se paga de, às vezes, deixar seus próprios objetivos para compor com o outro, para penetrar nos objetivos do outro para entender sua razão de ser, que a unidade se constrói e se constrói a comunidade.

Assim, a convivência como comida envolve muitas pessoas em um grupo ou muitos grupos. Seu sentido é sufocado se não houver pluralidade e se for privilegiada a singularidade. O segundo elemento que eu descubro a partir da comida é seu sentido mediador das relações interpessoais e intergrupais. A convivência como comida implica a possibilidade de melhorar as relações e restabelecer um equilíbrio perdido. A terceira função da comida explora a coexistência como um lugar de unidade, comunhão e reconciliação. Portanto, a comida é conciliadora e unificadora. No entanto, a função mediadora e reconciliadora alude não apenas ao intercâmbio entre diferentes membros da sociedade, mas também reforça a ideia da discussão e da aproximação magistralmente simbolizada pela figura da "mesa", sobre a qual quero discorrer agora.

A DIALÉTICA DA MESA

O outro símbolo cultural que gera a possibilidade de compreensão do conceito de convivência e dos valores sociais que a sustentam é a mesa. Sua introdução nesta reflexão vem do fato de ela ser a base ou o suporte do primeiro símbolo que é a comida. Como suporte da comida, a mesa vai desempenhar o papel de receptáculo. Neste artigo, busco refletir sobre este papel e suas implicações socioculturais nas relações interpessoais.

A mesa⁸ é comumente um móvel de madeira, de plástico ou de metal com uma superfície plana e, pelo menos, três pernas ou pés e, às vezes, duas estendidas. Como podemos observar o que tem uma superfície, tem pelo mesmo de fato uma dimensão. E dimensão e mesa têm a mesma origem latina de "mentior" verbo – medir – ou do substantivo "mensus". É então uma tautologia falar de mesa e de dimensão porque ambos se referem etimologicamente à medida. Palavras como mesa, *mesón* (estabelecimento no qual se prepara e se serve comida), *mensa*, comensal, mensal e mês tem um significado etimológico similar; não no sentido de serem palavras sinônimas que podem substituir

⁸ Referimo-nos aos seguintes livros: PETER V. JONES AND KEITH C. SIDWELL, *Reading Latin. Texto, vocabulario y ejercicios*, Edit. Promociones y Publicaciones Universitarias, Barcelona, 1989, 498p. BERNABÉ NAVARRO, *Manuel de traducción latina*, Edit. Imprenta Universitaria, México, 1953, 299p.

umas as outras, mas no sentido em que se relacionam com a mesma temática: esta temática é a medida. Uma primeira aproximação da palavra mesa a concebe como uma medida no espaço, ou melhor, como o objeto que se pode medir e, portanto, que tem dimensões espaciais. É importante notar que os conceitos "mês" e "mensal" fazem referência à medida no tempo.

No entanto, a evolução da língua latina e das demais línguas romanas conforme sua cultura permitiu fixar o significado da mesa como *tabla*,⁹ ou seja, o lugar onde se come. Esta concepção mostra uma ruptura com o significado etimológico em um salto a o que a mesa não é. E este salto cultural explica por que o substantivo "mentis" se refere tanto à mente, à inteligência, ao ânimo quanto ao entendimento. Assim, como *tabla*, a mesa supera as considerações materiais que se referem tanto à dimensão como à comida para ligar-se culturalmente ao entendimento. Aqueles que comem juntos são aqueles que se entendem, aqueles que têm boas relações humanas.

É possível então considerar que a *tabla* é ao mesmo tempo um objeto no espaço, e um objeto com dimensão. Neste sentido, a *tabla* é mesa. Nesse sentido, Sergio Nunez afirma: "Se pensamos a mesa como a tábua onde você come, ela deixa de ser mesa para ser tábua, por outro lado, se se concebe a tábua como um objeto no espaço, ela adquire dimensões, está medida, é mesa". (NÚÑEZ, s.d.). Além disso, o fato da *tabla* ter dimensão permite que ela seja considerada como o local onde se come e onde são mediadas relações.

O que salta aos olhos aqui é a capacidade da mente humana para dar significado a significantes segundo os valores culturais que se quer defender. Acredito que Nunez está certo quando pensa sobre a evolução da *tabla*-mesa em dois eixos diferentes da mesma cultura: o daqueles que sabem ler e escrever que desenvolveu a noção teórica de medida enquanto que o grupo inculto do latim vulgar preferiu um conceito mais prático e tangível da *tabla*. E o importante é que os dois eixos evoluíram sem se rejeitarem pela riqueza que cada grupo privilegia e que não era encontrada no outro. E a explicação dada acima sugere uma implicação mútua entre os dois conceitos de "mesa" e "tabla". Destaca-se assim, que o salto cultural para dar sentido não despoja, mas enriquece o conceito que adquire uma dimensão, entendemos uma medida, mais humana e próxima das tarefas e pensamentos humanos.

A MESA COMO RECEPTÁCULO: SIGNIFICADO CULTURAL

⁹ Uma das possíveis e talvez mais corriqueiras traduções da palavra *tabla* para o português seria "mesa", mas também poderia ser traduzida por "tábua" ou "tabuleiro" ou ainda a já completamente esquecida "távola" (como em "os cavaleiros da tábua redonda") vale lembrar que a palavra para "mesa" tanto em inglês quanto em francês é: *table*, igualmente derivada do latim e muito próxima à palavra espanhola. Neste sentido, optamos por manter a palavra *tabla* como no original em espanhol para demarcar a diferença existente entre os dois idiomas, uma vez que no português contemporâneo não há outra palavra que possa ser utilizada com o mesmo sentido que *tabla* no espanhol no contexto do artigo.

Da mesma forma, a mesa não deve ser pensada apenas como este objeto dimensional. A mesa nas culturas africanas, por exemplo, nas quais a palavra não existe, é a mesa onde a comida fica. Na África, é inútil compreender o significado de mesa a partir da peça de mobília. Isto não significa que não existe "mesa", mas sim que a linguagem nem sempre se refere à mobília. É preciso destacar aqui a expressão mais comum para convidar à comida: "Vamos para a mesa." Um observador desavisado será surpreendido pelo fato de que a comida para o qual está sendo convidado não está sobre a mesa, mas sobre uma esteira na casa ou debaixo de uma árvore. Qual é a mesa neste contexto? A esteira tem dimensões e é feita por seres humanos, poderia também ser facilmente entendida como uma peça de mobiliário, mas a árvore abaixo da qual está a comida, e especialmente as comidas rituais, não pode ser mobiliário pelo fato de ser natural.

É então insuficiente e reducionista compreender mesa como mobiliário e até mesmo como medida. Embora essas explicações sejam corretas, eles não dão conta de toda a complexidade do significado que se manifesta na palavra mesa. Para o meu propósito, a mesa é, sobretudo, um receptáculo. Isto significa dizer que a mesa é o que recebe, o que tem a possibilidade de receber tanto às pessoas (os convidados são parte dessa gente), à comida, como aos demais seres. Assim, a mesa é tudo o que tem a capacidade para receber. Assim sendo, a esteira e a árvore são mesa.

Ilustremos o significado dado acima. No Congo, na província de Kasai, os caçadores nunca começam o seu trabalho sem verificar a unidade, o entendimento e a qualidade das relações entre eles ao redor da árvore chamada "tshinkunku". Uma árvore pequena que pode chegar apenas a dez metros de altura, mas rica em folhas que criam uma sombra muito refrescante para descansar, para reunir-se quando faz calor, para discutir ou para resolver alguns problemas sociais. No caso dos caçadores, eles se reúnem sob a árvore para verificar o entendimento entre eles e para colocar a prova novos caçadores. A reunião pode durar trinta minutos antes de entrarem na selva. E é selada por uma comida simbólica da união ou da reconciliação entre os inimigos, uma vez que há a ideia de que o manuseio de armas é perigoso e um pequeno mal-entendido poderia gerar a perda de vidas humanas na selva. Por isso, os caçadores têm de comprovar a sua unidade em torno da árvore tshinkunku que é a árvore da unidade.¹⁰

Da mesma forma, quando o chefe da aldeia observa um grande desequilíbrio no seu povo, que pode ser a escassez da colheita ou muitas disputas entre as pessoas, isso é percebido como resultado do rompimento da relação com os ancestrais. O restabelecimento disto se faz outra vez em torno de uma árvore "muabi", oferecendo aos ancestrais uma comida de reconciliação ou de arrependimento. A Muabi é uma árvore de casca branca e

¹⁰ Costuma-se chamar esta árvore "Tshinkunku nsanga bilembi" (*Tshinkunku*, unificador dos caçadores).

pode chegar a vinte cinco metros de altura. E é usada como um sinal de sorte ou mediação. Assim, quando há um problema as pessoas se acercam em torno desta árvore, porque acreditam que ela facilita o entendimento e uma melhora rápida da situação. A Muabi é também percebida como o lugar de união com os antepassados. Por isso, é uma árvore de sorte. Na verdade, é a união dos antepassados que gera a união para os que se aproximam desta árvore. Não é por acaso que, quando há um conflito, as pessoas se reúnem em torno da árvore, porque os antepassados, promotores da união familiar, ajudam os vivos a entrar em acordo, a se unir, a se reconciliar e reencontrar a coesão perdida. Muabi como Tshinkunku são árvores de união, mediação da união e da harmonização da comunidade.

São muitos os exemplos. O que eu queria mostrar é que na cultura africana os referentes mais próximos à mediadora e unificadora mesa são as árvores ou outros objetos receptores. Eles simbolizam tanto a unidade, a comunhão, a integração como a participação, o entendimento, a discussão e a inclusão de todos os interessados. Assim, com respeito à convivência a mesa evoca a capacidade de negociação pela paz e pelo equilíbrio social; é o lugar da unidade, o ponto de encontro para a contenda social que permite circunscrever os problemas e buscar soluções.

Portanto, a mesa materializa o lugar da mini "contenda", isto é, o lugar de negociação, de união e de reconciliação. Estes são os valores que favorecem o conceito de convivência para chegar a uma vida social de justiça e paz, sem exclusão alguma. Como na África, a presença dos interessados à "contenda" já é um sinal de boa vontade para iniciar a discussão e chegar a uma solução pacífica. A mesa tem então uma grande importância na cultura. É um símbolo da unidade e da reconciliação como a comida, mas a mesa é especialmente o símbolo de discussão e da aproximação. Isto significa que o significado da mesa não se esgota no móvel nem tampouco no em cima da mesa. A mesa é o que recebe, o que junta, une e concilia e, sobretudo, o que promove a discussão e a aproximação. Papel este que eu penso também conferir às relações sociais concebidos sob o conceito de convivência.

A IMPLICAÇÃO MUTUA ENTRE A MESA E A COMIDA

Levando em consideração o que já foi dito, devemos conceber que o entendimento da relação entre mesa e comida necessita de um salto cultural e conflitual para localizá-las dentro das relações convivenciais. Ambos os conceitos implicam a presença de conflitos sociais e a possibilidade, não de eliminá-los, mas de negociá-los. E envolvem também a aproximação de agentes sociais e políticos, não para que se confundam ou se homogeneizem, mas para que cada um participe na construção da comunidade como próprio e o melhor que tem. Não há aproximação para que as diferentes visões se diluam em uma única. A aproximação e a discussão envolvem a participação de todos e supõem a

possibilidade de enriquecimento de cada um a partir das diferenças e a possibilidade de harmonizar estas diferenças.

É neste sentido que eu acredito que a coexistência deve ser plasmada em função dos valores culturais circunscritos e difratados pela comida e pela mesa. Além de ser um conceito mais próximo da cultura latino-americana e africana, o conceito de convivência entendida a partir da cultura, e a visão da comida e da mesa, permitem que se recupere não apenas a dimensão comunitária, mas também a dimensão pessoal na realização da plenitude da vida. Salvar ao homem e à sua comunidade de vida me parece a tarefa mais importante de toda a construção política e social. Trata-se construir a comunidade por ações concretas, administrá-la e permitir a realização de seus membros. Não se trata de subordinar a comunidade de subordinar o indivíduo ou vice-versa. Trata-se de buscar uma maneira de salvar aos dois. Este caminho pode ser encontrado na possibilidade que tem cada um de participar na construção de sua própria vida e na da comunidade, na possibilidade que tem de escutar a seus líderes e de que seus líderes os escutem. Esta articulação me leva a considerar que a convivência, para ser vivida plenamente, deve articular os valores histórico-culturais tanto da comida quanto da mesa. Isso permite abrir a possibilidade de uma abordagem conflitual da convivência que podem ter várias aplicações no social e política.

IVÁN ILLICH: CONVIVENCIALIDADE E FERRAMENTA

Para aprofundar esta noção de convivência, me refiro agora ao autor que deu uma grande importância ao conceito nos processos sociais e políticos, Ivan Illich. A ideia de Convivência surge para Ivan Illich a partir de uma observação patente: a sacralização da produtividade industrial pelo dogma do crescimento acelerado e substituição do homem pela máquina (ILLICH, 1985, p.26-28). Estes dois fatores são para ele as principais causas do fracasso das ideias da modernidade porque desencadearam o processo de produtor servidão do produtor e o processo de intoxicação do consumidor. Este fracasso se manifesta claramente na substituir do domínio do homem sobre a ferramenta pelo domínio da ferramenta sobre o homem. Queria-se substituir o escravo pela ferramenta, mas, em última análise, é a ferramenta que faz do homem um escravo. Portanto, não é verdadeiro que o produtor manda nem que o consumidor seja rei. O que se observa é a total dominação do homem pela ferramenta e, portanto, o bloqueio e a asfixia da função criativa, inventiva e estética do homem e da ação pessoal.

Esta crise parece ter uma solução para Ivan Illich: a conversão radical da lógica do ter pela do ser, ou seja, quebrar a sólida estrutura que regula a relação do homem com a ferramenta. Assim, ele usa o termo convivência como a alternativa à lógica produtiva de dominação e de redução do homem: "Sob convivencialidade entendo o inverso da produção

industrial" (ILLICH, 1985, p.28). A convencionalidade expressa a ideia de que a vida social é criada dentro do relação com os outros e através da ação pessoal. Por isso, é necessário substituir a produtividade pela convivencialidade, ou seja, o valor técnico pelo valor ético. O que prega a convivência não é aniquilar nem a ciência nem a indústria, mas dotá-las de uma eficiência humana, para dar limites a ferramenta humana. Como se observa, o termo ferramenta é muito importante. Ele só define a maneira como nós produzimos, como dominamos e estamos dominados.

Para Iván Illich, a ferramenta é ao mesmo tempo instrumento e meio. É o que se usa a serviço do homem para produzir e para uma intencionalidade. A ferramenta também é todo objeto que considerado como um meio para alcançar um fim determinado. Portanto, constituem a feramente todas as instituições produtoras de serviços, como a escola, os meios de comunicação, os centros de planejamento, a vassoura, a caneta, o tijolo... O conjunto de ferramentas é, então, muito amplo em Ivan Illich.

Mas o importante é o seguinte: "a ferramenta é inerente à relação social" (ILLICH, 1985, p.44). Cada agente humano atua com ferramenta. Mas tudo depende da relação que se estabelece entre o homem e a ferramenta. Apresentam-se duas situações: se é a ferramenta que domina o homem, é sua estrutura que conforma e informa a representação que o homem tem de si mesmo. A ferramenta só é manipulável, porque é movida pela energia exterior ao homem e pode superar a sua escala. Caso contrário, o homem está separado do corpo social e este homem dá ao mundo o sentido que ele mesmo, o homem, tem por sua ação. Neste segundo plano, a ferramenta é controlável porque a energia interior permite a adaptação a uma tarefa específica. Esta ferramenta é convivencial porque maximiza a liberdade humana, ainda quando pode ser desviada de sua finalidade. Tudo o que alguém pode usar sem dificuldade como quiser, quantas vezes quiser e para os fins que defina é uma ferramenta convivencial.

Neste ponto da análise de Illich, vemos que a ferramenta pode ser usada para a dominação e também para a maximização da liberdade pessoal. No primeiro caso, a ferramenta é manipulável e tende à dominação e a construção de uma estrutura dominadora. Na segunda, a ferramenta é manipulável, e especialmente convivencial. O que defende Illich, e que apoiamos, é que para alcançar a libertação do homem e de sua ação precisamos estabelecer relações sociais a partir da ferramenta de convivência e não da manipulável. Sua contribuição reside em descobrir que a convivência não apenas é a fundação da comunidade humana, mas também é o motor da expressão pessoal e da liberdade pessoal. Illich percebeu que a realização do homem não se dá na solidão, na discriminação, na dominação e na separação. O homem se realiza quando tem a possibilidade de usar como quiser a sua energia para produzir, para dar sentido ao mundo e à sua vida. Não é a estrutura, a ferramenta nem a instituição que dá sentido ao homem. É o homem o que,

usando sua liberdade e sua criatividade ou invenção, dá sentido ao mundo. E este é construído nas diferentes e entrecruzadas relações humanas.

Assim, a convivência enfatiza o fato de que o homem não existe sozinho, seu significado tem a ver com as suas relações com os outros homens e com o ambiente em que ele evolui. Parece-me que a convivência em Illich salvaguarda a relação comunidade-individual. Mas, ao mesmo tempo, permite entender que a integração das relações humanas necessita de um espaço de discussão e de negociação. Longe de justapor as experiências vividas, a convivencialidade se coloca como um tipo de negociação que abre a porta a todas as expressões humanas que desejam o equilíbrio social e o bem-estar social e individual. Por isso, me interessa conceber a convivência como uma projeção integradora das relações humanas a partir de uma abordagem conflitual dos processos sociais.

O ENFOQUE CONFLITUAL DA CONVIVÊNCIA

A grande contribuição de Ivan Illich consiste em mostrar que no conceito de convivencialidade a liberdade do homem passa pela valorização da ação humana pessoal e de seu impacto na formação da comunidade. No entanto, esta é uma concentração de interesses e valores antagônicos que tornam difícil a convivência. Em outras palavras, a comunidade é o lugar privilegiado de conflitos que ao mesmo tempo dificultam e definem o tipo de convivência. Desta forma, qualquer conceito de convivência não pode disfarçar o papel que têm os conflitos na sociedade. Portanto, o fortalecimento da convivência e o reforço da vida em comum necessitam não apenas ter em mente a presença de conflitos, mas também pensar a própria convivência em termos de conflitos.

Uma abordagem conflituosa da convivência parte da hipótese de que os conflitos são inerentes à vida social e que a harmonia social não é alcançada pela eliminação, mas sim pela negociação destes conflitos e sua canalização rumo a uma vida pacífica. A proposta consiste em que os conflitos tenham a possibilidade de se expressar e sejam dirigidos à busca de soluções aceitáveis para todos os membros da comunidade. Ao mesmo tempo, esta abordagem caracteriza a convivência como um lugar de enfrentamento e de gestão da heterogeneidade dos valores, dos comportamentos e dos desejos. (NEIRA, 1986). Quando falo de convivência, não estou estipulando um denominador comum às relações e atividades humanas. Tampouco se trata de considerar que o equilíbrio social é espontâneo e automático. Trata-se, em realidade, de pensar que a harmonia social é alcançada por meio de soluções mediadas, negociadas e discutidas.

Neste sentido, a simbologia da mesa e da comida são muito claras. A comida e a mesa são ao mesmo tempo instâncias mediadoras das relações interpessoais, criadoras da unidade a partir da pluralidade e integradoras de todos os grupos sociais e seus valores. Estes símbolos convivenciais referem-se à paz e harmonia, resultante da riqueza obtida a

partir das idiossincrasias locais ou individuais e da participação de todos os sujeitos da sociedade. A convivencialidade significa a rejeição à exclusão, e a abertura à participação, à presença de todos os membros ou grupos sociais.

A este respeito, o autor que melhor abordou esta relação convivência-conflito e harmonia parece-me ser Paul Ricoeur em seu *Ética e política*. Obviamente Ricoeur se refere à teoria democrática como uma ferramenta de paz apenas se ela for concebida em sua interação com o poder e com os conflitos. No que diz respeito ao poder, a democracia encurta a distância entre os indivíduos e os líderes porque estabelece espaços de diálogo e acordos. No que diz respeito aos conflitos, Ricoeur concebe a democracia como um processo de criação e invenção dos mecanismos de negociação e expressão de conflitos.

Quando fala da conflitividade, Ricoeur se refere principalmente às relações que se desenvolvem em uma comunidade, os seus efeitos sócio-políticas e econômicos ou culturais. As relações humanas nem sempre são pacíficas; a cada segundo, elas são feitas e desfeitas em função das compatibilidades sociais. E os conflitos aparecem, diminuem, se renovam, mas não terminam. A vida humana é, a este respeito, uma relação conturbado, ou seja, uma relação de choque que pede contínuas adequações e equilíbrios.

Por isso, este autor pensa que a democracia é um estado que não se propõe a eliminar os conflitos, mas sim inventar processos que lhes permitam expressarem-se e tornarem-se negociáveis (RICOEUR, 1976, p.9). Embora esta percepção da relação conflitos-convivência esteja reduzida à teoria política democrática, o que quero é generalizá-la e estendê-la a todos os processos de busca de paz e harmonia social. Desta forma, é possível resgatar sem exclusão as diferentes experiências de vida de cada grupo social para a construção de uma sociedade unida e integrada em sua diversidade. Neste sentido, o enfoque conflitual da convivência privilegia a participação de todas as vivências particulares com suas riquezas e fragilidades para solucionar os problemas de convivência.

Portanto, uma vez que a convivência pressupõe, acima de tudo, a presença e a atuação de experiências vividas para a sua integração em uma rica experiência de harmonia e paz, e não a sua diluição, penso que o melhor enfoque para resolver os problemas sociais é o da conflitualidade. Na verdade, esta abordagem busca resgatar as experiências particulares, dar-lhes um canal de expressão e negociação, sem qualquer exclusão. Trata-se, neste sentido, de alcançar a criação de espaços de acordos sociais para a vida em comum. Então, parafraseando Alain Touraine, podemos dizer que a convivência é, em última instância, a convicção de que sendo a diversidade uma das características mais importantes dos ser humano e da sociedade humana, não há harmonia onde ela não existe e não se reconhece a diversidade cultural¹¹ (15) e histórica, e todas as relações entrecruzadas que esta diversidade pressupõe.

¹¹ ALAIN TOURRAINE, ¿Podemos vivir juntos?, p. 203.

A palavra convivência com seu prefixo "com" introduz a ideia de uma pluralidade e ao mesmo tempo a de uma relação de complementaridade dentro desta pluralidade. Esta é constituída pelo conteúdo da raiz "vivência". Esta última é um conjunto e um processo de ações, comportamentos, pensamentos e sentimentos de um sujeito ou grupo que permitem distingui-lo dos demais, ou seja, identificá-lo. Trata-se de um movimento de assimilação, de aprendizagem, de interação e de intercâmbio de valores, comportamentos e tarefas de diferentes origens que constitui e define a dinâmica do grupo entendida como convivência.

Assim, a convivência é um conjunto de experiências harmônicas ou não, que definem a relação entre os indivíduos e entre os diferentes grupos aos que pertencem; as relações interpessoais dependem, pois destas experiências. Por isso, usamos a simbologia da mesa e da comida para fundamentar a convivência como um eixo de solidariedade inclusiva a partir de uma dinâmica integradora, reconciliadora e mediadora. Dado que os conflitos estão sempre presentes em nossas relações, postulei a possibilidade de entender os processos convivenciais dentro de um quadro conflitual da sociedade que tem a vantagem de estimular a expressão, a negociação e a canalização dos conflitos que afetam a sociedade humana. Sob esta abordagem conflitual, o fundamento inclusivo da convivência reside na sua capacidade de ser promotora da comunhão e da reconciliação.

Neste sentido, a convivência é percebida como um ponto de encontro e harmonização das experiências em que se restabelece o que havia sido destruído, se reconstrói, se retoma, se recupera, se rearranja o que os humanos haviam desfeito; isto é, a fonte de desequilíbrio, de crise e da perda ou da redução da força vital. Portanto, a discussão e a aproximação mútua são armas importantes para alcançar a paz e o equilíbrio social.

Abstract

The building of the social relationship as merchandise, the divinization of the productivity and the exclusion of minorities are some of factors that stimulate the failure of the utopias of modernity that pretended research the human well-being. That's why have obscured the sense and the life of the concept conviviality in such a way that nowadays the differences are factors of division and destruction instead of to take them like differentiator frameworks that enrich the human behavior. Therefore, appears the need to redefine and rebuild forms of conviviality that permit harmony and social integration for heterogeneous communities.

Key Words: cohabitation, table, food and conflicts

BIBLIOGRAFÍA

ARMANDO NOGUEZ A., Eucaristía. Mesa compartida. Acercamiento teológico-sistemático, no publicado, México, DF, 2001.

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 28 | p. 141-157 | Jul. 2016

Recebido em: 23.06.2016 Aprovado em: 23.06.2016

BERNABÉ NAVARRO, Manuel de traducción latina, Edit. Imprenta Universitaria, México, 1953, 299p.

BUATU BATUBENGE, OMER, Naciones multiétnicas, cultura y democracia convivencial, en CERUTTI GULDBERG, HORACIO Y MONDRAGÓN GONZÁLEZ, CARLOS, Resistencia popular y ciudadanía restringida, CCYDEL-UNAM, México, 2006, pp.225-240.

BUATU BATUBENGE, OMER, “Similitudes de la democracia entre América Latina y África”, en MAGALLÓN ANAYA, MARIO Y MORA MARTÍNEZ, ROBERTO (coord.), Historia de la ideas: repensar la América Latina, CCYDEL-UNAM, México, 2006, pp.65-74.

CERUTTI GULDBERG, HORACIO, “Integrarse para vivir: ¿un utopía humanista?”, en CERUTTI GULDBERG, HORACIO Y MONDRAGÓN GONZÁLEZ, CARLOS, Resistencia popular y ciudadanía restringida, CCYDEL-UNAM, México, 2006, pp.59-69.

COTA ELIZALDE, BEATRIZ DELIA, “El proceso de los cambios culturales de los migrantes. Estudio de caso en la comunidad Las Amapas de Berlanga”, en AGUILAR GAXIOLA, VÍCTOR HUGO Y RODRÍGUEZ BEATRIZ (coord.), Pensar los sujetos sociales en el trabajo social, Universidad Autónoma de Sinaloa, Sinaloa, 2008, pp.105-133.

ERNEST GELLNER, Condiciones de la libertad. La sociedad civil y sus rivales, Paidós, Barcelona, 1996.

IVAN ILLICH, La convivencialidad, Edit. Joaquín Mortiz / Planeta, México. 1985.
NEIRA, EMRIQUE, El saber del poder, Capítulo 8 Sistemas e ideologías, Ed. Norma, Colombia, 1986. <http://www.mty.itesm.mx/dhcs/deptos/ri/ri95-801/lecturas/lec063.html> (22/10/2007).

PAUL RICOEUR, “Ethique et politique”, en Communio, núm. 6, Julio de 1976, p.9.
PETER V. JONES AND KEITH C. SIDWELL, Reading Latin. Texto, vocabulario y ejercicios, Edit. Promociones y Publicaciones Universitarias, Barcelona, 1989, 498p.

ROBERT A. Dahl, La democracia y sus críticos, Paidós, Quinta edición, Barcelona, 1992.

SARTORI, GIOVANNI, Homo videns. La sociedad teledirigida, Punto de Lectura, México, 2006, 213p.

SERGIO NÚÑEZ GUZMÁN, “La medida de la medida”, Escuela Nacional Preparatoria, Plantel _____ núm. _____ 2, <http://morgan.ia.unam.mx/usr/humanidades/161/COLUMNAS161/Nuñez.html> Sin fecha (10 de noviembre de 2007).

ZÚÑIGA VÁZQUEZ, JAVIER M., “Análisis de algunas políticas de la filosofía tojolabal”, en MAGALLÓN ANAYA, MARIO Y MORA MARTÍNEZ, ROBERTO (coord.), Historia de la ideas: repensar la América Latina, CCYDEL-UNAM, México, 2006, pp.195-211.